

O DESENCONTRO DO SABER E O FAZER

FERNANDO CHAVES LINS

Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, Pernambuco.

“Os que madrugam no ler convém madrugarem também no pensar. Vulgar é o ler, raro o refletir. O saber não está na ciência alheia, que se absorve, mas, principalmente, nas idéias próprias, que se geram dos conhecimentos absorvidos, mediante a transmutação por que passam no espírito que os assimila. Um sabedor não é um armário de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de aquisições digeridas”.

RUI BARBOSA

JORNAL DE LETRAS, RIO DE JANEIRO

Freqüentemente são promovidos seminários, encontros, excursões, dias de campo etc., porém muito pouco desses conhecimentos adquiridos chegam a ser aplicados. Por que isso ocorre? Há, efetivamente, uma enorme lacuna entre o saber e o fazer. Este ao ser efetivado “*faz tanto barulho, que não escuto o que você diz*”, reza a sabedoria popular. Portanto, a ação deve ser encarada como prioridade mesmo que ajustada no monitoramento para as correções que aprimoram. “É isso aí, o que conta é o que você faz e não o que você diz ou o que sabe, mas não aplica. A resposta é clara: precisamos de determinação, coragem para colocarmos em prática o que sabemos; em outras palavras: “*precisamos de Ação!*”, recomenda *Manoel de Freitas – Vice Presidente de Recursos Florestais da Champion Papel e Celulose Ltda. e Presidente do IPEF – Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais – SP.*

Há muitos anos, discuti com Manoel Abílio, da Embrapa, a melhor maneira de fazer chegar aos agricultores o estoque de tecnologias disponíveis, principalmente algumas viabilizadas pelo próprio agricultor que mais adequadamente combina o modelo teórico com a realidade complexa do dia-a-dia do campo. Foi lembrado que o Infaol – Instituto Nordestino para o Fomento do Algodão e Oleaginosas havia implantado na década de setenta, por micro-região homogênea algumas unidades de produção como referencial para difusão e melhoria da tecnologia na cultura do algodão.

Vale destacar que alguns dos melhores campos foram implantados no Rio Grande do Norte, entre eles o da Fazenda São Sebastião, Parelhas, de propriedade do engenheiro-agrônomo Mauro Medeiros, demonstrando a importância do uso de procedimentos para conservação do solo e da água pelo Método Guimarães Duque, além de pesquisas coordenadas pelo geneticista Carlos Faria para melhoramento do algodoeiro Mocó – a SI 20 – que finalizaria mais adiante no lançamento da cultivar Emparn.

Posteriormente, a idéia que então discutimos, foi concretizada num artigo publicado pelo IPA – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Pernambuco, intitulado Projeto Integrado de Avaliação e Divulgação de Tecnologia Agrícola, considerando o modelo proposto por ambos os técnicos. O êxito desses agricultores – justificava o trabalho – poderá ser o elemento modificador na absorção de tecnologias adaptadas na área, de vez é o próprio produtor que está demonstrando. A pesquisa deverá tentar o melhoramento dos sistemas de produção dessas Unidades Eficientes, através de outros fatores trabalhados por ela, permitindo com isso um aperfeiçoamento no manejo dos fatores de produção. Continua a proposta mencionando que identificada pela extensão e validada pela pesquisa essa tecnologia adaptada a que chegaram alguns produtores, combinando adequadamente os recursos disponíveis, deverá ser levada de imediato aos demais agricultores. Nesse ponto, deverá ficar evidenciada a utilização do agricultor-demonstrador como elemento de importância fundamental no processo de transferência da tecnologia. É necessário, antes de tudo, uma perfeita integração e participação entre pesquisador-extensionista-agricultor, atuando numa ação conjunta com objetivos, responsabilidades e etapas de execução bem delineadas.

Treze anos depois, em setembro de 1993, encaminhei proposta à Comissão Estadual do Algodão para implantação de 10 Unidades Didáticas de dois hectares, nos seis Municípios da área zoneada para cultivo do algodão mocó (Serra Talhada, Mirandiba, Parnamirim, Ouricuri e Granito). Visava difusão de tecnologia, capacitação de mão-obra rural e produção de sementes selecionadas. Com o principal objetivo de comprovar as vantagens do uso racional de práticas agrícolas apropriadas ao meio agro-climático, em especial o Método Guimarães Duque para conservação do solo e retenção de água no solo.

Idêntica metodologia foi implantada pouco tempo depois pela FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação, com apoio do Ministério da Agricultura e governos dos Estados do Nordeste, denominado Projeto Integrado de Capacitação Participativa, onde a FAO participava com recursos para

insumos e equipamentos, a assistência técnica era executada pelas Secretarias de Agricultura dos Estados e a mão-de-obra do produtor rural. Era uma área de 2 hectares situada estrategicamente para capacitar 30 agricultores na cultura do algodoeiro usando os resultados comparativos testados em cada Unidade de Testes e Demonstração – UTD, em especial as cultivares selecionadas pela Embrapa e uso de fertilizantes.

Assemelhada às UTD, porém elegendo as Unidades Eficientes de Produção com os processos das práticas tradicionais do produtor multiplicador-inovador e, por ele transmitidas ao demais agricultores da área de influência, surgia a então denominada UMF – Unidade Modelo de Produção familiar, implantada pela ONG Cendap – Centro de Desenvolvimento e Apoio aos Municípios e Comunidades, em convênio com o Incra na assistência técnica e capacitação dos assentados da reforma agrária do Estado de Pernambuco. Paulatinamente, seriam testadas e introduzidas novas práticas na melhoria da produtividade e rentabilidade da produção tradicional e, conseqüentemente difusão para os demais agricultores que seriam treinados nessas unidades nos momentos da execução de algum fator importante do sistema produtivo.

As UMF utilizavam a “pedagogia de alternância” para estruturar modelo de assistência técnica e de educação que de forma participativa com o saber da cultura local atuassem no sentido de incorporar novos conhecimentos, técnicas de produção agrícola e pecuária, de serviços e de beneficiamento de produtos, melhorassem a organização, a gestão, defesa da natureza e das suas riquezas e orientassem os agricultores familiares a se tornarem usuários dos financiamentos para a produção e a se tornarem também mais eficientes na comercialização inclusive com a formação de cadeias produtivas considerando a mudança da base tecnológica de agroquímica para agroecológica na recuperação de meio ambiente degradado.

Recentemente, o pesquisador da Universidade de Berkeley, Califórnia – USA, Miguel Altieri desenvolveu a metodologia Faróis do Desenvolvimento: “São propriedades modelo ou unidades de observação ou experimentais que apresentam resultados em agricultura ou pecuária/pesca/agroecologia e produtos orgânicos que merecem ser divulgados. Estimulam os produtores rurais a adotarem técnicas em manejo agroecológico, influenciam ao seu redor e criam redes entre agricultores por onde passa o conhecimento”, declarou. Essa metodologia está sendo por ele coordenada com a Epagri na divulgação de experiências bem sucedidas de agroecologia em Santa Catarina. O Projeto Agroecologia da Epagri está acompanhando algumas experiências êxitos em produção agroecológica em Santa

Catarina e através do site da Epagri pretende divulgar informações que possam interessar e serem úteis a agricultores, professores, pesquisadores técnicos, estudantes e público em geral.

Do mesmo modo a Odebrecht e o governo do Estado da Bahia estão implantando a “Casa Familiar Rural (CRF), uma escola agrícola diferenciada, voltada para a formação de empresários rurais capazes de transformar a realidade do lugar onde vivem”, com utilização de meios adequados para correção “de técnicas de plantio obsoletas e ineficientes que contribuem para perpetuar esse ciclo de estagnação econômica e social na cidade”. “O agricultor já traz consigo uma cultura, adquirida no dia-a-dia do trabalho, que nós valorizamos. Vamos fazer com que eles ampliem esses conhecimentos”, explica Joana Almeida, coordenadora pedagógica da Casa Familiar.

Ao fomento, assistência técnica, extensão rural, educação, enfim à difusão de tecnologia interessa a UMF – Unidade Modelo de Produção Familiar ou escolinha modelo, como pólo irradiador para todas as propriedades da microrregião, onde a UMF se localiza, promovendo a comunicação mais racional entre o agricultor-inovador da UMF e os agricultores seus vizinhos. Assim, a própria mensagem se processaria mais facilmente porque na mesma cultura, sem a intermediação alienígena do técnico com sua conhecida problemática de dificuldades (confiança, diversidade de hábitos, costumes, linguagem, etc.). Estas UMF seriam, portanto, pólo de irradiação de tecnologia disponível e vitoriosa, porque testada e adaptada localmente para o restante da microrregião, como um campo de provas de novas técnicas a serem testadas para melhoria do sistema de produção vigente na UMF, considerando que o saber científico deve incorporar o saber tradicional e as inovações das famílias produtoras, abrindo novas fronteiras para a experimentação e para a organização das instituições científicas.

Um bom exemplo dessas experiências conduzidas pelo produtor foi ultimamente divulgada pelo Globo Rural – UM OASIS NO DESERTO – demonstrando a potencialidade do semi-árido nordestino na implantação de projeto que integra o saber popular com a tecnologia de ponta e a preservação do meio ambiente.

Esses exemplos das Unidades Modelo Familiar propiciariam os seguintes principais benefícios:

- Respeito ao saber e às inovações da cultura local;
- Profissionalização do produtor;
- Capacitação do multiplicador;

- Introdução de sistemas de produção de sustentabilidade;
- Facilidade de comunicação com a comunidade;
- Teste e difusão de tecnologias;
- Orientação aos agricultores para o crédito rural;
- Aprimoramento e ampliação da organização dos agricultores;
- Avaliação e ampliação dos bancos de sementes, mudas e animais selecionados;
- Planejamento e avaliação do sistema de produção;
- Discussão de experiências de projetos de capacitação e fomento da produção;
- Compatibilização dos produtos com as demandas do mercado;
- Aprimoramento dos diagnósticos para discussão e execução de novas linhas de atividades;
- Teste e difusão tecnologias adaptadas.

PROPOSTA

Assim sendo, propomos que sejam eleitas UNIDADES MODELO DE PRODUÇÃO FAMILIAR em cada micro-região homogênea para difundir pelo proprietário-inovador sua tecnologia e, desse modo capacitar os produtores rurais circunvizinhos.

Seriam propriedades com sistema de produção adaptado a realidade e com níveis de produtividade e rentabilidade superiores. Sem sombra de dúvidas as conhecidas escolinhas que souberam transformar o saber na ação.

Finalizando proponho que seja ACRESCENTADO à frase tradicional da educação rural APRENDA A FAZER FAZENDO, o subtítulo APRENDA COM QUEM FAZ.